

Inteligência Artificial nas pequenas e médias empresas já é realidade

Até 2026, mais de 80% das empresas já terão usado IA Generativa, aquela focada na automação e no ganho de produtividade

A estimativa da Gartner, consultoria especializada em TI, encontra respaldo em estudos feitos por diversas entidades. A Goldman Sachs Economics Research, por exemplo, estima que, até 2025, as empresas invistam cerca de US\$ 200 bilhões em IA.

E o Fórum Econômico Mundial prevê um impacto econômico dessas tecnologias da ordem de US\$ 4,4 trilhões até 2040. “Os números são vultosos e podem fazer os menos avisados acreditarem que essa é uma realidade das grandes companhias, mas o fato é que, hoje, tecnologias e soluções de IA estão ao alcance das pequenas e médias empresas”, comenta o sócio-fundador e CSMO da Logithink, Fernando Brolo.

Desde os chatbots, passando por automações em RPA, até ferramentas de análise de dados, a IA otimiza processos, aumenta produtividade



e melhora a experiência dos clientes com as marcas. “A democratização do acesso à tecnologia permite, por exemplo, que pequenos escritórios de contabilidade utilizem automações sob demanda e otimizem seus processos internos investindo pouco”, comenta.

O executivo explica que metade dos clientes da Logithink que usam soluções de inteligência artificial são pequenas e médias empre-

sas. “A popularização da tecnologia faz com que essas empresas possam utilizar automações que eliminam riscos tributários, otimizam processos e aumentam a produtividade da equipe. Isso era impensável há alguns anos”, diz.

• **Crescimento sustentável** - A implementação eficaz de soluções de IA oferece benefícios que vão além da otimização de processos. “A capacidade de

analisar grandes conjuntos de dados proporciona insights para a tomada de decisões estratégicas e profissionaliza a gestão das empresas. O uso adequado da IA também melhora a experiência do cliente e está se tornando um catalisador para o crescimento sustentável”, define Brolo.

• **Estratégia e inteligência** - A redução de pessoal atuando em tarefas repetitivas abre o leque para utilização da mão de obra em funções que envolvam ações mais complexas, raciocínio e estratégia. “A máquina não vai substituir o homem, mas vai deixá-lo mais livre para se dedicar a funções desafiadoras, que exijam estratégia e inteligência. A combinação inteligente entre o potencial humano e o tecnológico é que fará a diferença nas empresas”, completa. - Fonte e mais informações: (<https://logithink.com.br>).

A jornada para fazer mais com menos ainda é longa

Carlos Rodolfo Schneider (*)

O Brasil vem crescendo muito abaixo do que poderia e deveria, já há muitos anos, com alguns esporádicos anos fora da curva

Motivo relevante é a baixa produtividade e reduzida competitividade da nossa economia, exceção feita especialmente ao agronegócio, onde temos expressivas vantagens comparativas internacionais.

Uma série de fatores interligados explicam as nossas dificuldades de competir com economias mais dinâmicas nas demais cadeias de bens comercializáveis: alta carga tributária, baixa disponibilidade de poupança interna, baixa taxa de investimentos, infraestrutura precária, serviços públicos deficientes, excesso de burocracia, engessamento do orçamento público.

Para melhorar o ambiente de negócios, temos que continuar fazendo mudanças, reformas micro e macroeconômicas, que preparem o país a liberar-se da armadilha da renda média. Já fizemos importantes avanços com as reformas previdenciária e trabalhista, e temos agora uma grande oportunidade de avançar numa reforma tributária, mesmo que parcial, para simplificar a caótica estrutura de impostos.

Necessário fazer o alerta para que se resista à pressão pelo aumento da carga tributária, e para a manutenção ou concessão de privilégios para segmentos ou agentes econômicos com maior capacidade de fazer lobby, levando a aumento de carga para os demais. Muitas das amarras podem ser resolvidas com reformas infraconstitucionais, de mais fácil aprovação, a exemplo das já aprovadas Lei de Liberdade Econômica, independência do Banco Central e minirreforma política que restabeleceu a cláusula de barreira, privatização da Eletrobrás.

Temos que aumentar o ritmo de ajustes, dada a ainda grande defasagem

em relação às economias mais eficientes. A própria Reforma Tributária precisa ter uma segunda tranche de simplificações, e um importante esforço para redução da pesada carga de impostos, a mais elevada entre os países emergentes, que penaliza empresas e famílias brasileiras. Isso requer que o Estado precise de menos recursos, isto é, que o gasto público seja mais eficiente.

A tão aguardada Reforma Administrativa é um passo importante nessa direção, juntamente com medidas apenas gerenciais, que melhorem processos administrativos, preenchendo os cargos com quadros qualificados, cujo desempenho seja reconhecido por uma meritocracia de fato, ao contrário do que hoje acontece. Outro ponto importante a enfrentar, apontado com frequência por analistas externos, é a falta de senso de urgência no Brasil, o hábito de procrastinar as mudanças necessárias.

Como exemplo, a falta de regulamentação até hoje de vários artigos da importante Lei de Responsabilidade Fiscal editada no ano 2000. Como o artigo 67, que prevê a criação de um Conselho de Gestão Fiscal (CGF), que seria uma instituição fiscal independente, um xerife das contas públicas, composto por representantes da sociedade civil e do poder público, com a missão de orientar e vigiar tanto receitas como despesas públicas.

É um instrumento que outros países, que têm uma boa equação fiscal, têm usado com sucesso para aumentar a eficiência do gasto público e por consequência reduzir o peso do Estado sobre a sociedade. O poder público deve aprender a fazer mais com menos, para que também a sociedade consiga fazer mais, e especialmente o setor industrial, o mais dinâmico da economia, possa cumprir o seu potencial de contribuir com o desenvolvimento do nosso país.

(*) - É empresário.

Pagamentos instantâneos entre Brasil e Estados Unidos

Na era das transferências instantâneas, como o Pix, no Brasil, e o Fednow, nos Estados Unidos, realizar pagamentos com cartão quando se é turista pode gerar altos custos, como IOF e cotação do dólar, que sofre muita oscilação.

A fintech X-Pay Innovation Payment, criada pelo brasileiro Anderson Macena nos Estados Unidos, está iniciando uma revolução que mudará esse cenário com o lançamento de uma tecnologia que permitirá aos cidadãos brasileiros pagamentos via Pix nos Estados Unidos e aos estadunidenses usarem o Fednow no Brasil. Trata-se da primeira empresa a disponibilizar esse tipo de recurso.

De acordo com Macena, a ideia surgiu da crescente demanda e necessidade dos lojistas poderem vender produtos e serviços e receber de forma instantânea, além do diferencial competitivo. Ele estima que mais de US\$ 500 milhões sejam transacionados ainda no primeiro semestre de 2024.

“A grande oscilação do dólar e o tempo que leva a liquidação de vendas provenientes de pagamentos de cartão tem estimulado os estabelecimentos a aderirem aos pagamentos instantâneos. Pagamentos seguros, mais rápidos e com menor custo em relação a pagamentos recebidos por cartões de crédito e de débito”, conta o empreendedor. As transações poderão ser feitas nos estabelecimentos que possuam a maquininha de cartão desenvolvida pela X-Pay, que possui exclusividade sobre o novo recurso.

Lembrando que a mesma maquininha também recebe pagamentos por cartão de crédito e de débito.



“No Brasil, crescemos com meios de pagamentos, com maquininhas de cartão, e-commerce. Descentralizamos o mercado de pagamentos no Brasil e nos Estados Unidos ao permitir que empresas ofereçam suas próprias soluções financeiras. E agora passamos a integrar o Pix Internacional e o FedNow”, explica.

Para completar, remessas internacionais vão acontecer em tempo real. Será o fim da espera de até dois dias para fazer uma remessa entre os países, passando a ser instantaneamente em até duas horas, usando o Pix e o Fednow, tudo por meio de uma plataforma em tempo real. “Além da agilidade, a novidade trará benefícios competitivos, já que o Pix se tornou a principal forma de pagamentos do Brasil, e não será diferente para brasileiros a turismo nos Estados Unidos”, projeta. Mais informações em (<https://x-pay.app/>).

Como combinar retorno financeiro e social nos investimentos?

Os investimentos de impacto - feitos em empresas, organizações ou fundos com a intenção de gerar resultado socioambiental positivo, além do retorno financeiro - somaram US\$ 1.1 trilhões ao redor do mundo em 2022, segundo relatório do GIIN - Global Impact Investment Network. O investimento de impacto exige a combinação de diversos fatores de seleção para assegurar a viabilidade do projeto e trazer retorno ao investidor.

Pensando nisso, Itali Collini, diretora da Potencia Ventures, grupo de investimentos em negócios de impacto social, listou cinco pontos centrais a serem abordados pelos investidores no momento da análise das investidas. Confira:

1) Intencionalidade no impacto - Primeiramente, é essencial avaliar qual é a intenção de impacto socioambiental que os fundadores têm para a empresa em questão, pois uma startup em estágio inicial tende a iterar muito seu produto e modelo de negócio. É importante entender se a visão de impacto se manteria no caso da empresa mudar de rumo.

2) Time e poder de execução - Além da intencionalidade, avaliar a capacidade do time fundador e como suas habilidades se complementam é crucial para entender se o time tem poder de execu-

ção. Há algumas maneiras de capturar informações sobre isso, tais como: 1- avaliar o que os fundadores entregaram em experiências anteriores, 2- pedir dados de pilotos que a startup esteja fazendo, 3- perguntar sobre desafios superados até o momento.

3) Modelo de negócio - Tão importante quanto avaliar o impacto social, é entender a viabilidade de um negócio gerar retorno financeiro. No estágio inicial as fontes de receita não estão 100% validadas e precisamos entender qual é o racional dos empreendedores para

testar a precificação ou monetização do seu produto ou serviço.

“Uma boa recomendação é entender quais soluções oferecidas têm maior e menor potencial de rentabilização, ajustando expectativas e alinhando possíveis obstáculos”, indica a especialista.

4) Mercado endereçável - Os fundadores devem ter grande conhecimento do público-alvo para seu produto ou serviço e também clareza sobre o problema específico que resolvem para ele. No investimento em startups é importante que o mercado

endereçável seja grande o suficiente para absorver um alto crescimento da empresa, garantindo assim, maior probabilidade de alto retorno.

5) Roadmap de produto ou serviço e do negócio - Entender o que a empresa planeja para o ciclo de crescimento é o que explica o racional de uso dos recursos. Se as contratações planejadas, a alocação de capital de giro ou mesmo o investimento em tecnologia estiverem mal distribuídos, o impacto da rodada no crescimento da empresa pode ser bem menor que o esperado. - Fonte e outras informações: (www.potenciaventures.net).